

Uma classificação da iconicidade a partir da faneroscopia peirciana*

Vinicius Romaniniⁱ

Resumo: Este artigo propõe uma classificação ampliada da iconicidade ancorada na faneroscopia de Charles S. Peirce e articulada a um esquema composicional que explica por que as formas de iconicidade acessíveis à consciência são, em geral, degeneradas. Parto da hipótese de que ícones puros — ocorrências de primeiridade, nas quais há indiscernibilidade formal entre signo e objeto — proporcionam um tipo de cognição imediata dificilmente tematizável reflexivamente; logo, a maior parte do que chamamos “representação icônica” na vida mental e cultural aparece sob as formas degeneradas de ergosemas (primeiridade da secundidade) e metáforas (primeiridade da terceiridade). Mostro que, ao aplicar regras de composicionalidade inspiradas na gramática especulativa peirciana, é possível derivar 36 classes cujo segundo correlato (relação signo–objeto) é icônico (ícone puro ou degenerado).

Palavras-chave: iconicidade; semiótica de Peirce; faneroscopia; diagrama; abdução.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.240594>.

ⁱ Professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e pesquisador nos programas PPGCOM (Comunicação) e PGEHA (Estética e História da Arte), ambos da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: vinicius.romanini@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6558-0550>.

Introdução

A trajetória recente das teorias do signo revela uma alternância entre momentos de suspeita e de valorização da iconicidade. Durante a hegemonia estruturalista, prevaleceu a tese segundo a qual as “semelhanças” dependem de códigos de reconhecimento; nessa perspectiva, o ícone seria apenas uma modalidade marginal de convencionalidade (Eco, 1976; 1999). Tal leitura desloca o eixo da iconicidade do fenômeno para o código, esvaziando sua especificidade lógica.

Em contraste, a tradição peirciana sustenta que o ícone “refere-se ao seu objeto por virtude de caracteres próprios” e que assim o faria “ainda que tal objeto não exista” (CP 2.247; 2.276). O fundamento do ícone, portanto, não reside na existência (secundidade) nem na regra (terceiridade), mas na primeiridade — a esfera das qualidades possíveis. Burks (1949) sublinha a relevância da distinção entre ícone, índice e símbolo como fundamento indispensável para a compreensão dos modos de representação em Peirce, mostrando como o ícone tem um lugar especial. Na mesma linha, Sebeok (1976) salienta a centralidade da iconicidade na constituição dos sistemas semióticos, ressaltando que a semelhança não é um aspecto periférico, mas um princípio estruturante da significação.

Nas últimas três décadas, a iconicidade passou a ser revalorizada como infraestrutura cognitiva do raciocínio, sobretudo a partir da noção de diagrama, que torna visíveis e manipuláveis os processos inferenciais (Stjernfelt, 2007; 2022; Short, 2007). Em paralelo, consolidou-se uma compreensão multimodal da imagem, concebida como representação mental em múltiplas modalidades sensoriais (Contrera; Baitello Junior, 2006; Damásio, 1999). Tal perspectiva desloca o estudo da iconicidade para uma ecologia da percepção distribuída (Queiroz; Atã, 2014; Jappy, 2016; Sonesson, 1989). É precisamente nesse ponto de convergência — entre o fundamento faneroscópico, a técnica diagramática e a multissensorialidade — que se insere a proposta aqui desenvolvida: uma classificação da iconicidade plenamente compatível com o sistema peirciano de signos.

Pesquisas contemporâneas têm expandido esse debate ao investigar a relação entre percepção e iconicidade em contextos imagéticos e oníricos (Dymek, 2013), contribuindo para ampliar o alcance da semiótica peirciana. Nesse mesmo movimento, Mannheim (2000) destacou a iconicidade como dimensão constitutiva da linguagem e da cultura, reforçando seu papel estruturador nas práticas de significação. Essa perspectiva dialoga com análises recentes sobre comunicação visual (Thellefsen; Friedman, 2023), que também exploram a relevância da iconicidade peirciana para o design.

1. Ícone e iconicidade na multiplicidade dos sentidos

Embora frequentemente empregados como sinônimos, ícone e iconicidade não coincidem. Ícone (CP 2.276) designa o tipo de signo cujo poder representativo decorre de qualidades do próprio signo, independentemente de este signo estar vinculado a este ou aquele canal perceptivo. Ícones podem ser visuais, olfativos, táteis, gustativos ou mesmo proprioceptivos. Já a iconicidade é qualquer modo de semelhança que opere em processos de significação. Assim, toda ocorrência icônica exibe iconicidade, mas nem toda ocorrência de iconicidade é ícone puro.

Peirce explica que “a única maneira de comunicar diretamente uma ideia é por meio de um ícone” (CP 2.278). O ícone puro, entretanto, é imediato; sua força representativa reside na qualidade enquanto tal, antes de qualquer discriminação dêitica (2) ou regulativa (3). Essa imediaticidade ajuda a explicar por que os ícones puros são, em larga medida, pouco tematizáveis pela consciência reflexiva. Quando os tematizamos, tendemos a arrastá-los para os regimes da possibilidade de existência ou da possibilidade do hábito.

Na vida mental consciente e na cultura, por isso, a iconicidade comparece sob formas degeneradas, ainda que a matriz qualitativa continue operante como horizonte de semelhança possível. Assim, metáforas e certos apontamentos possíveis, que Peirce chamou subíndices (CP 2.330) e que aqui denomino ergosemas (definiremos melhor abaixo), são formas de iconicidade degenerada que possuem papel central na invenção criativa e na comunicação (cf. EP 2:160; CP 5.68 –70).

Essas distinções e esclarecimentos são cruciais para nossa argumentação. Se confundimos o ícone com toda ocorrência de semelhança, aplanamos o relevo categorial e perdemos em distinção; se reduzimos “imagem” ao visual, perdemos clareza sobre o vasto campo de imagens somatossensitivas (dor, temperatura, tato, propriocepção; Damásio, 1999) que operam a cognição e a cultura. A proposta aqui apresentada preserva as diferenças categoriológicas ao mesmo tempo em que assume a multimodalidade da imagem e da iconicidade.

2. Crescimento simbólico, informação e juízo

Em Peirce, a semiose é essencialmente um processo de crescimento dos símbolos a partir da internalização da informação. Esse crescimento não é acidental nem extrínseco: ele se dá porque os símbolos incorporam qualidades icônicas e se acoplam a traços indexicais para, então, gerarem novos interpretantes (CP 2.302; 5.473). Disso decorre uma consequência decisiva: toda informação entra no sistema pela percepção e percorre uma ordem categorial necessária — primeiro ícone (primeiridade), depois índice (secundidade), por fim

símbolo (terceiridade). Considerando os aspectos correlatos do signo, é na relação signo–objeto, ou segundo aspecto, que a informação nasce; o dicente (no terceiro aspecto) apenas a exprime, uma vez que todo interpretante é, afinal, efeito dessa relação (CP 2.252–2.258).

Essa dinâmica permite recolocar, de modo estritamente peirciano, a distinção clássica entre compreensão (*comprehensio*) e extensão (*extensio*) dos conceitos (CP 1.559). Informar significa aumentar a compreensão sem perder extensão, ou aumentar a extensão sem perder compreensão — idealmente, promover o crescimento concomitante de ambas. Ora, isso só é possível quando o que foi primeiramente incorporado como qualidade sensível (ícone) pode, em seguida, ancorar-se em traços e vínculos factuais (índice), para então estabilizar-se em hábitos conceituais e enunciados (símbolo). Não há índice concreto sem prefiguração icônica; não há símbolo vivo sem ancoragem indexical. De fato, Nöth (1999; 2024) revisita a tríade ícone-diagrama-metáfora para mostrar como a iconicidade sustenta processos de significação em múltiplas escalas.

O exemplo “Há vida em Marte” ilustra de modo compacto essa arquitetura. Como objeto (sujeito lógico), toma-se Marte; como predicado, “abriga vida”; o dicente correspondente é “Marte abriga vida”. Se verdadeiro, o juízo aumenta a extensão de “vida” (passa a incluir os eventuais seres marcianos) e aumenta a compreensão de “Marte” (que passa a ser conhecido como planeta com vida). Repare-se no caminho categorial: a informação entra incorporada como ícone (a possibilidade de que atributos denotados pelo símbolo “vida” sejam perceptíveis em Marte), ancora-se como índice (assinaturas espectrográficas e registros de imagens concretas, traços causais presentes nos dados coletados, séries temporais que indicam padrões associados à atividade vital, etc) e estabiliza-se como símbolo (asserção dicente sujeita a teste e a hábitos de inferência da comunidade).

Podem-se explicitar, então, três princípios operacionais. Primeiro, a entrada icônica: nenhuma informação é cognoscível sem que antes apareça como qualidade — isto é, sem que haja um momento de primeiridade que torne algo sensível em qualquer dos canais perceptivos. Segundo, o acoplamento indexical: o que foi incorporado precisa conectar-se ao real por traços e medições; sem secundidade não há o que asseverar. Terceiro, a habituação simbólica: só então o ganho pode ser comunicado e conservado como símbolo, via dicentes e argumentos que instauram hábitos públicos de crença e revisão. Esses princípios operacionais são estudados pelas ciências normativas, respectivamente, pela estética, pela ética e pela lógica. (CP 1.573 – 1.575; ver ainda CP 1.191; 5.111; 5.120 – 5.130)

Cabe então ao método científico (como descrito pela metodêutica, a mais geral das divisões da lógica) deduzir as consequências da aceitação da informação icônica (expressa por uma abdução), e testar na realidade se essas consequências

correspondem aos fatos. Em CP 2.778, Peirce descreve o método científico como exemplo do raciocínio diagramático: construímos um diagrama (visual, tátil, cinestésico, etc.) que encarna relações e, ao manipulá-lo, observamos consequências que não estavam explícitas nas premissas. Essa operação depende da iconicidade do diagrama — da sua semelhança estrutural com o que representa — e explica por que a iconicidade é condição de possibilidade da abdução. É justamente por permitir a simulação de cenários possíveis que o diagrama cresce em potência epistêmica (Short, 2007; Stjernfelt, 2007; 2022).

Enquanto a verdade expressa pelo juízo abdutivo não é confirmada definitivamente pela comunidade dos interpretantes que participam da comunicação simbólica, a informação permanece conjectural ou meramente possível (diremos metafórica e/ou ergosêmica). Ou seja, a fundamentação icônica, berço originário da informação, mantém-se atuante e aberta a novas possibilidades, como orienta a doutrina falibilista peirceana. A opinião final não é atingível por mentes individuais nem por qualquer agregado de mentes particulares, mantendo-se apenas como ideal normativo. A iconicidade é, portanto, o repositório de possibilidades de aprendizado futuro, impedindo que nossas mentes se cristalizem em hábitos dogmáticos.

3. A estrutura faneroscópica

A faneroscopia, tal como delineada por Charles S. Peirce, é a investigação descritiva dos modos universais de aparência do que quer que possa apresentar-se à mente — o fâneron (CP 1.284). Diferentemente de psicologia empírica ou de metafísica normativa, a faneroscopia não pergunta o que é real, mas como o dado aparece, isolando os elementos formais que estruturam toda experiência. Peirce identifica três categorias ou predicamentos universais que, combinados, compõem o tecido do fâneron: primeiridade, secundidade e terceiridade (CP 1.300; CP 5.66 – 70), como mostra a Fig. 1.

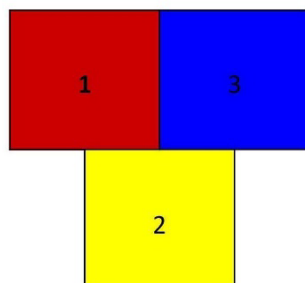
Primeiridade (1) é o modo do possível qualitativo, do imediato e do indeterminado — o “tal-qual” de um tom, de um timbre, de um perfume, de uma dor, antes de qualquer referência a algo ou a alguém (CP 1.303). É uma presença sem contraste, sem tempo e sem espaço, que se deixa notar como qualidade sentida.

Secundidade (2) é o modo do fato bruto, do confronto com uma alteridade que resiste: o empurrão que não cede, o tropeço, o “choque” do aqui-e-agora (CP 1.322; 8.41). É a dimensão diádica da experiência: eu–não-eu, contato, esforço.

Terceiridade (3) é o modo da mediação e da generalidade: leis, hábitos, regras e símbolos que conectam o que é puramente possível (1) ao que ocorre de fato (2), permitindo inferir, interpretar e comunicar (CP 1.337; 5.105). É a

dimensão triádica por excelência, onde relações habituais subsumem casos e ligam ocorrências a esquemas.

Figura 1: As três categorias faneroscópicas.



Fonte: elaboração própria.

Essas categorias não são meras etiquetas classificatórias: operam como formas de ser e modos de experiência. Em qualquer fenômeno, há um gradiente de 1–2–3: qualidades que se dão (1), encontros que forçam (2) e hábitos que organizam (3). O exemplo do livro ilustra os níveis:

Um livro possui qualidades (cor, textura, tipografia).

Encontrá-lo no chão implica um choque factual (evento, resistência).

Presentear Maria com o livro envolve um telos, uma regra de conduta que pode ser um hábito natural ou fruto de convenções.

Do ponto de vista predicativo, isso se traduz em monádico, diádico e triádico: qualidades (1), relações de dois termos (2) e relações mediadas por uma lei (3).

4. Degenerações nas categorias faneroscópicas

Ao analisar signos e processos, Peirce observa que as categorias podem degenerar, isto é, apresentar-se em formas menos complexas do que sua modalidade genuína (EP 2:160; CP 5.68–70). A regra é esta:

Primeiridade não degenera.

Secundidade pode degenerar em primeiridade da secundidade.

Terceiridade pode degenerar de dois modos:

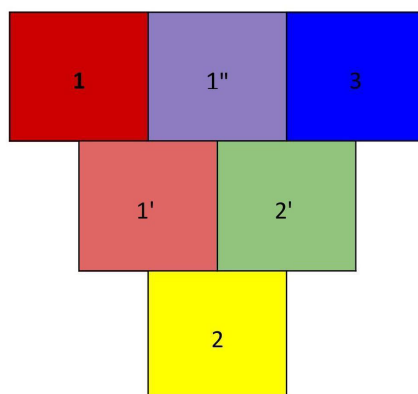
em secundidade da terceiridade.

em primeiridade da terceiridade.

Usaremos, com Peirce, 1, 2, 3 para as formas genuínas e apóstrofes para os graus de degeneração: 1', 1'', 2' (ver Fig. 2) As categorias degeneradas possuem, portanto, um valor de base e um valor fenomenológico. Por exemplo a

primeiridade da terceiridade (1'') tem como valor de base 1 (primeiridade), mas seu valor fenomenológico é o de ser uma terceiridade duplamente degenerada.

Figura 2: As três categorias faneroscópicas e suas degenerações.



Fonte: elaboração própria.

5. Análise tricotômica do signo

Toda semiose envolve uma relação triádica. Seguindo Peirce, convém distinguir como primeiro o signo tomado em si (*o representamen*), como segundo o objeto ao qual esse signo se refere, e como terceiro o interpretante, isto é, o efeito semiótico pelo qual o signo é compreendido como representando o objeto (CP 2.228; 2.274–2.277). Se, como o próprio Peirce insiste, “estamos em signos” e “pensamos por meio de signos”, então qualquer cognoscível pode ser descrito como um signo: “algo” (o signo-relato) que professa representar “outra coisa” (o objeto-correlato) de tal modo que produz um outro signo (o interpretante) análogo ao efeito que o próprio objeto produziria caso fosse diretamente conhecido (CP 5.283; 5.473).

Um exemplo canônico ajuda a fixar ideias: num julgamento, a atuação do advogado funciona como signo-relato que representa o cliente (objeto-correlato) ao júri, cuja deliberação cristaliza o interpretante (o veredito como efeito semiótico). Desdobrando essa cena em três aspectos correlatos (no sentido do *Syllabus* de 1903), temos:

- **Primeiro aspecto (S):** o signo em si (*representamen*).
- **Segundo aspecto (S-O):** a relação do signo ao objeto.
- **Terceiro aspecto (S-O)-I:** o interpretante da relação do signo com o objeto

No *Syllabus* (1903), Peirce aplica as categorias genuínas a cada um dos três aspectos correlatos, gerando a conhecida tabela triangular das dez classes de signos genuínos (CP 2.243–2.264; 2.299–2.304):

- **No 1º aspecto (S):** qualisigno (1), sinsigno (2), legisigno (3).
- **No 2º aspecto (S-O):** ícone (1), índice (2), símbolo (3).
- **No 3º aspecto (S-O)-I:** rema (1), dicente (2), argumento (3).

Desde a primeira edição dos *Collected Papers* (1931–58), a leitura do *Syllabus* gerou divergências quanto ao rationale da determinação entre os três aspectos (por exemplo, a ordem “quem determina quem?” e em que sentido). A regra simplificada $S \geq (S-O) \geq [(S-O)-I]$ (Bellucci, 2017, p. 266) funciona de modo robusto para reconstruir as bem conhecidas dez classes genuínas de 1903 (EP 2:160; CP 5.68 – 70). Ainda em 1903, Peirce nomeia algumas formas degeneradas (p. ex., réplica, subíndice, hipoícone) mas não as integra numa arquitetura completa – tarefa que a pesquisa peirciana posterior tem procurado completar (cf. Short, 2007; Stjernfelt, 2007, 2022).

6. Para além do *Syllabus*

Uma extensão natural do esquema de 1903 consiste em preservar a relação $S \geq (S-O) \geq [(S-O)-I]$, mas admitindo as formas degeneradas das categorias. Além disso, como a relação intermediária S-O é ampliativa justamente por permitir ao signo internalizar informação do objeto representado, admitiremos que formas degeneradas possam entrar no segundo termo inequação, computando-a por seu valor de base (e não por seu valor fenomenológico). Por exemplo, admitiremos como válidas soluções como $1 \geq 1' \geq 1$ e $1 \geq 1'' \geq 1$, mas não admitiremos soluções como $1 \geq 1 \geq 1'$ e $1 \geq 1 \geq 1''$ (afinal, o terceiro aspecto correlato nos mostra apenas o efeito da representação, não podendo ser ampliativo).

Com isso, a composição triádica passa a gerar 66 classes logicamente possíveis (Romanini, 2024). A dinâmica observável nesse espaço não é linear, mas cíclica, lembrando pulsação ou respiração. Esse vai-e-vem explica como hábitos se formam e se quebram até que a investigação estabilize crenças suficientemente resistentes à surpresa (CP 2.173; 5.384–415).

7. Nomenclatura dos tipos degenerados de signos

Para tornar operacional o vocabulário, propõe-se a seguinte terminologia, distinguindo onde ocorre a degeneração:

(a) 1º aspecto (S: modo do signo em si)

- 2' (Secundidade da Terceiridade) → réplica: o caso ou token que instancia um tipo (CP 2.246).
- 1' (Primeiridade da Secundidade) → altersigno: um signo de alteridade em estado incipiente, um quase-S que tende a desfazer-se em qualidade (cf. CP 7.276).
- 1" (Primeiridade da Terceiridade) → holosigno (midisigno): signo de totalidade possível ou imperfeita, um “halo” qualitativo de lei (cf. CP 7.276).

(b) 2º aspecto (S-O: relação com o objeto)

- 1' (Primeiridade da Secundidade) → ergosema: uma referência por esforço ou apontamento imperfeito (o “dedo que aponta”, sem ancoragem plena) (EP 2:163; CP 5.74).
- 1" (Primeiridade da Terceiridade) → metáfora: uma qualidade de regra trazida por semelhança (CP 2.222).
- 2' (Secundidade da Terceiridade) → metonímia: caso de uma classe, relação parte-todo/conjunto-membro.

(c) 3º aspecto (S-O)-I (modo do interpretante)

- 1' (Primeiridade da Secundidade) → sintaxe: fato concernente ao dicente (p. ex., a mera justaposição “imagem de Marte + legenda ‘Marte’”) (CP 2.257).
- 1" (Primeiridade da Terceiridade) → abdução: conjectura ou hipótese que dá o primeiro salto inferencial (CP 5.171; 5.188).
- 2' (Secundidade da Terceiridade) → indução: abstração confirmadora, voltada a fixar crenças (CP 2.269; 2.775).

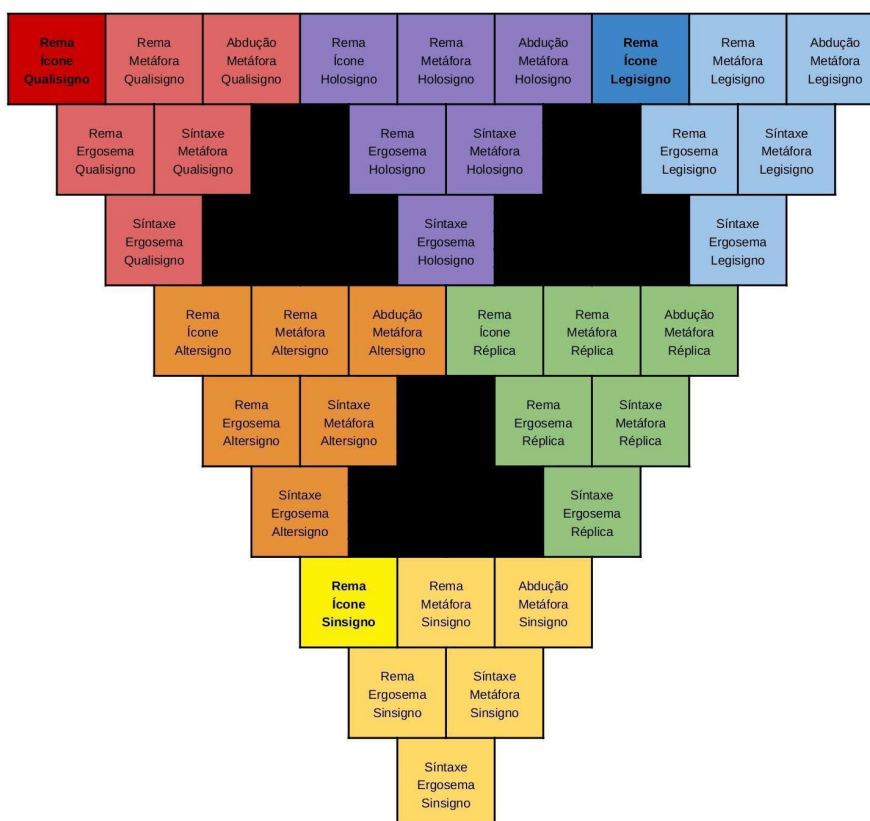
8. A classificação proposta: 36 classes com iconicidade

Com base nas regras de composicionalidade entre os três correlatos (S, S-O, [(S-O)-I]), respeitando (i) monotonicidade (o terceiro não pode exceder o segundo, nem o segundo exceder o primeiro em grau categorial), (ii) assimetria das degenerações (1 não degenera; 2 degenera para 1'; 3 degenera para 1" e 2'), e (iii) tipificação icônica do segundo correlato, derivam-se 36 classes:

- 6 com S-O = 1 (ícone puro);
- 12 com S-O = 1' (ergosema);
- 18 com S-O = 1" (metáfora).

Cada bloco se distribui conforme as possibilidades do primeiro correlato (S) e as restrições sobre o terceiro correlato $[(S-O)-I]$. O ciclo da semiose aparece como movimento entre qualidades incorporadas (2), subsumidas (3) e reabertas (1). Essa cartografia permite localizar metodicamente onde e como a iconicidade intervém: como pura qualidade (1), como qualidade indiciante (1') e como qualidade metaforizante (1''). A classificação é compatível com uma “tabela periódica” dos signos mais ampla (Romanini, 2024), na qual os tipos icônicos ocupam regiões específicas do triângulo categorial.

Figura 3: Uma tabela para as classes de signos icônicos.



Fonte: elaboração própria.

9. Descrições e exemplos

As descrições e exemplos que seguem têm caráter heurístico: são modelos operacionais destinados a clarificar a mecânica dos casos, não a exaurir a fenomenologia possível. Onde houver fronteiras porosas entre classes, isso é traço do fenômeno — e não defeito do esquema —, pois a semiose icônica é, por natureza, um gradiente de primeiridade em trânsito para índices e símbolos.

9.1. Qualisignos

QUALISIGNO ICÔNICO REMÁTICO — (1, 1, 1)

O que é: um “clima de sensação” puríssimo, sem foco e sem objeto — só a qualidade em si.

Exemplo: você abre a geladeira e sente um frio na pele. Antes de pensar “frio” ou “geladeira”, existe apenas a sensação fria.

Por que é essa classe: o vínculo com o objeto é icônico ($S-O_d = 1$: semelhança de qualidade) e o efeito final é remático ($(S-O)-I = 1$: puro sentir). Como qualisigno ($S = 1$), tudo permanece no nível da possibilidade sentida.

QUALISIGNO ERGOSÊMICO REMÁTICO — (1, 1', 1)

O que é: uma qualidade que cutuca a atenção por um instante – um “apontar” que surge e some antes de virar ideia.

Exemplo: passa um cheiro rápido de queimado e você sente um pequeno alarme interno, sem saber de onde vem ou o que é.

Por que é essa classe: há um apontamento indicial imperfeito ($S-O_d = 1'$: ergosema), mas o efeito final continua remático ($(S-O)-I = 1$): só sensação, sem conclusão. Como qualisigno ($S = 1$), tudo ainda é possibilidade.

QUALISIGNO ERGOSEMA SINTÁTICO – (1, 1', 1')

O que é: a mesma cutucada indicial, mas agora a mente alinha um micro-padrão — um esqueleto simples de ordem, sem palavras.

Exemplo: você percebe passos repetidos no corredor: “tum-tum... tum-tum...”. Antes de pensar “alguém chegando”, fica apenas um ritmo se formando.

Por que é essa classe: o vínculo segue ergosêmico ($S-O_d = 1'$) e o efeito final é sintático ($(S-O)-I = 1'$): um arranjo mínimo, não uma frase. Como qualisigno ($S = 1$), permanece no plano do possível.

QUALISIGNO METAFÓRICO REMÁTICO – (1, 1'', 1)

O que é: uma qualidade que lembra outra de outro “mundo” (domínio), sem regra clara — só a semelhança de clima.

Exemplo: a luz amarela da sala “parece mais quente”. Você ainda não pensa em “temperatura”: sente apenas um jeito quente no ar.

Por que é essa classe: a relação é metafórica ($S-O_d = 1''$: parecer-com entre domínios) e o efeito final é remático ($(S-O)-I = 1$): puro sentir. Como qualisigno ($S = 1$), tudo fica como possibilidade qualitativa.

QUALISIGNO METAFÓRICO SINTÁTICO – (1, 1'', 1')

O que é: a semelhança entre domínios começa a se alinhar em correspondências, ainda sem virar frase.

Exemplo: o barulho do ventilador faz você sentir como se fosse chuva ao longe; sua mente alinha ventoinha ↔ chuva por instantes, sem concluir nada.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1')$): mapeia sem enunciar. Como qualisigno ($S = 1$), continua no campo do possível.

QUALISIGNO METAFÓRICO ABDUTIVO — $(1, 1'', 1'')$

O que é: a semelhança entre domínios acende um pressentimento — uma quase-hipótese que ainda é sensação, não ideia formulada.

Exemplo: o vento uivando nas frestas soa como um assobio; por um instante, você imagina (sem pensar direito) que pode ter alguém lá fora.

Por que é essa classe: a relação é metafórica ($S-Od = 1''$) e o efeito final é abductivo ($((S-O)-I = 1'')$): insinua uma hipótese, mas ainda como sentir. Como qualisigno ($S = 1$), nada se fixa — fica como possibilidade

9.2. Altersignos

ALTERSIGNO ICÔNICO REMÁTICO — $(1', 1, 1)$

O que é: um “aparecer” que lembra algo só pela semelhança de qualidade (forma, cor, som, clima), e que permanece como pura sensação.

Exemplo: no canto do olho, o encosto da cadeira parece o contorno de uma pessoa; quando você vira o rosto, não há ninguém. Fica apenas a impressão de forma.

Por que é essa classe: o vínculo com o objeto é icônico ($S-Od = 1$: “parece com”), e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: só sentir), sem confirmação; como altersigno ($S = 1'$), é uma presença liminar.

ALTERSIGNO ERGOSÊMICO REMÁTICO — $(1', 1', 1)$

O que é: um apontamento indicial imperfeito (um “cutucão” sensorial) que chama a atenção e logo se desfaz, deixando só o impacto do sentir.

Exemplo: você “sente” o celular vibrar no bolso; ao checar, não houve notificação. Fica apenas a sensação tátil.

Por que é essa classe: há um ergosema ($S-Od = 1'$: aponta, mas não se sustenta) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1)$; como altersigno ($S = 1'$), a ocorrência fica no limiar do aparecer.

ALTERSIGNO ERGOSÊMICO SINTÁTICO — $(1', 1', 1')$

O que é: o mesmo apontar imperfeito, mas a mente alinha um micro-padrão (um esqueleto de ordem), ainda sem enunciar nada.

Exemplo: você ouve “toc-toc” e imagina batidas na porta; ao prestar atenção, percebe que era o cano estalando. Sobrou na cabeça um ritmo mínimo.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico ($S-Od = 1'$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1'$: alinhamento pré-frase), sem confirmação; como altersigno ($S = 1'$), a presença segue incerta.

ALTERSIGNO METAFÓRICO REMÁTICO — $(1', 1'', 1)$

O que é: uma aparição que aciona um “parece com” entre domínios (metáfora), mas só como clima de sensação.

Exemplo: uma nuvem “parece um dragão” por um instante; quando você foca, a forma se desfaz. Fica apenas o ar de semelhança.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$: semelhança entre mundos) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1)$; como altersigno ($S = 1'$), permanece no limiar.

ALTERSIGNO METAFÓRICO SINTÁTICO — $(1', 1'', 1')$

O que é: a semelhança entre domínios começa a encaixar correspondências (um mapa mínimo), ainda sem virar proposição.

Exemplo: o ronco do trovão faz você “ouvir” um trem distante; por segundos, a mente parecia trem ↔ trovão, depois o encaixe se perde.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1'$: pareamentos), sem se firmar; como altersigno ($S = 1'$), é só apresentação fugaz.

ALTERSIGNO METAFÓRICO ABDUTIVO — $(1', 1'', 1'')$

O que é: a semelhança acende um “e se...?” — um pressentimento de hipótese — que logo se desfaz.

Exemplo: entra um vento frio e você pensa: “e se a janela ficou aberta?”; em segundos, vê que estava fechada. Resta um quase-palpite.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é abduativo ($((S-O)-I = 1''$: quase-hipótese), mas não se confirma; como altersigno ($S = 1'$), tudo fica na possibilidade

9.3. Holosignos

HOLOSIGNO ICÔNICO REMÁTICO — $(1'', 1, 1)$

O que é: uma forma geral (gestalt) que aparece de uma vez só, por pura semelhança de qualidade; parece um padrão, mas permanece no nível do sentir.

Exemplo: as sombras das folhas na parede, por alguns segundos, desenham faixas regulares; você percebe “há um padrão”, mas a luz muda e tudo se desfaz.

Por que é essa classe: o vínculo com o objeto é icônico ($S-Od = 1$: semelhança de forma), e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: mera sensação); como holosigno ($S = 1''$), a “ideia de padrão” surge de imediato, mas não se estabiliza.

HOLOSIGNO ERGOSÊMICO REMÁTICO — (1", 1', 1)

O que é: um indício imperfeito de regularidade que chama a atenção; parece haver um ciclo, mas o que fica é só o impacto sensível.

Exemplo: a torneira pingando faz pensar “um, dois... um, dois...”, até que o ritmo falha; resta apenas a sensação dos pingos no ouvido.

Por que é essa classe: há um apontamento indicial imperfeito ($S-Od = 1'$: ergosêma) para um possível padrão, e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1)$); como holosigno ($S = 1''$), a regularidade se esboça e logo se dissipa.

HOLOSIGNO ERGOSÊMICO SINTÁTICO — (1", 1', 1')

O que é: o indício de padrão já vira um esqueleto simples de ordem (tipo A-B-A-B), ainda pré-proposicional.

Exemplo: passos no corredor soam direita–esquerda–direita–esquerda; você reconhece o ritmo, mas a pessoa para e o padrão some.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico ($S-Od = 1'$), e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1'$: alinhamento mínimo), sem chegar a uma afirmação sobre o que acontece; como holosigno ($S = 1''$), a regularidade é apenas possível.

HOLOSIGNO METAFÓRICO REMÁTICO — (1", 1", 1)

O que é: um padrão “por semelhança entre domínios”: algo aqui lembra algo de outro contexto, como um clima parecido.

Exemplo: a plateia batendo palmas em ondas lembra o vai-e-vem do mar; por um instante você sente essa mesma dinâmica.

Por que é essa classe: a relação é metafórica ($S-Od = 1''$: semelhança entre domínios), e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1)$); como holosigno ($S = 1''$), a analogia aparece como possibilidade sentida, sem regra explícita.

HOLOSIGNO METAFÓRICO SINTÁTICO — (1", 1", 1')

O que é: a semelhança entre domínios começa a organizar correspondências (um “mapa” mínimo), ainda sem virar proposição.

Exemplo: ao olhar uma árvore, você alinha mentalmente tronco ↔ avenida, galhos ↔ ruas, folhas ↔ vielas; por instantes, parece um mapa da cidade, depois o encaixe se perde.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1'$: pareamentos estruturais), sem estabilizar uma lei; como holosigno ($S = 1''$), a “totalidade” sugerida é apenas possível.

HOLOSIGNO METAFÓRICO ABDUTIVO — (1", 1", 1'')

O que é: a gestalt metafórica sugere uma hipótese: “e se houver uma regra aqui?”, mas fica na esfera do pressentimento.

Exemplo: nas folhas do girassol, você nota algo que parece uma espiral regular; por um momento, suspeita de uma regra de crescimento, mas logo hesita.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é abduativo ($((S-O)-I = 1''$: quase-hipótese), sem consolidar uma lei; como holosigno ($S = 1''$), a regularidade pressentida permanece como possibilidade.

9.4. Sinsignos

SINSIGNO ICÔNICO REMÁTICO — (2, 1, 1)

O que é: uma ocorrência única cuja relação com o objeto é só de semelhança de qualidade; aparece e some como um “parece-isto” imediato.

Exemplo: no escuro, um único lampejo azul ilumina o quarto; antes de qualquer pensamento, impõe-se apenas a “azuleza” intensa.

Por que é essa classe: o vínculo é icônico ($S-Od = 1$: a qualidade do evento espelha a do objeto) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: puro sentir), sem enunciar nada; como sinsigno ($S = 2$), trata-se de um evento singular no tempo.

SINSIGNO ERGOSÊMICO REMÁTICO — (2, 1', 1)

O que é: um evento único que aponta para algo (indício imperfeito), mas termina como choque de sensação.

Exemplo: um cheiro súbito de gás vem e vai; você percebe “tem algo”, mas sem saber o quê ou de onde.

Por que é essa classe: há um apontar incompleto ($S-Od = 1'$: ergosêma) e o interpretante final fica no remático ($((S-O)-I = 1$); como sinsigno ($S = 2$), é uma única ocorrência.

SINSIGNO ERGOSÊMICO SINTÁTICO — (2, 1', 1')

O que é: um apontar único que já engata um padrão mínimo na cabeça — um alinhamento simples, sem palavras.

Exemplo: dois toques rápidos na porta (“toc-toc”); você não formula uma frase, mas reconhece um ritmo de chamada.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico ($S-Od = 1'$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1')$: sua mente organiza um esqueleto de padrão, não uma proposição; como sinsigno ($S = 2$), é um evento único.

SINSIGNO METAFÓRICO REMÁTICO — (2, 1'', 1)

O que é: um ato único cuja relação com o objeto é metafórica: uma qualidade lembra outra de outro domínio.

Exemplo: no calor do momento, alguém diz “Pedro é um touro!”; num só lance, você sente força/robustez sem precisar explicar.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$: parecer-com entre domínios) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$): um ver-como imediato; como sinsigno ($S = 2$), é um único ato.

SINSIGNO METAFÓRICO SINTÁTICO — (2, 1", 1')

O que é: um evento único metafórico que alinha correspondências entre domínios (um mapa mínimo), sem virar frase.

Exemplo: numa vinheta animada exibida uma única vez, um traço de eletrocardiograma se transforma no nome da marca; sua mente liga batimento ↔ vitalidade.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1')$: pareamentos estruturais sem enunciar; como sinsigno ($S = 2$), é um evento pontual.

SINSIGNO METAFÓRICO ABDUTIVO — (2, 1", 1'')

O que é: um ato único metafórico que dispara um “e se...?” — um pressentimento de hipótese ainda qualitativo.

Exemplo: você vê um gráfico que sobe devagar e despenca de repente; na hora, parece uma avalanche — você supõe (sem prova ainda) um efeito de gatilhos/cascata.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é abductivo ($((S-O)-I = 1'')$: surge uma quase-hipótese a investigar; como sinsigno ($S = 2$), tudo acontece numa única ocorrência

9.5. Réplicas

RÉPLICA ICÔNICA REMÁTICA — (2', 1, 1)

O que é: um token que se parece com o que representa; você entende pela qualidade/forma.

Exemplo: a plaquinha do banheiro com a silhueta humana. Cada plaquinha instalada é uma ocorrência do desenho-tipo; você capta na hora pela semelhança da forma.

Por que é essa classe: o vínculo é icônico ($S-Od = 1$: semelhança) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: puro “ver/sentir”), sem precisar enunciar nada. Como réplica ($S = 2'$), é uma instanciiação do tipo.

RÉPLICA ERGOSÊMICA REMÁTICA — (2', 1', 1)

O que é: um token que aponta para algo por um toque/sinal curto (apontamento imperfeito), gerando impacto imediato.

Exemplo: o celular dá uma vibração curtinha (alerta silencioso). Cada vibração é réplica do padrão-tipo; você só pensa “opa, chegou algo” — sem conteúdo.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico ($S-Od = 1'$: apontar sem explicar) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: choque de sensação). Como réplica ($S = 2'$), é um token do padrão.

RÉPLICA ERGOSÊMICA SINTÁTICA — (2', 1', 1')

O que é: um token que aponta e, ao mesmo tempo, organiza um padrão mínimo (ritmo/ordem) na sua atenção.

Exemplo: o alarme da escola toca “bip–bip–pausa”. Cada execução é réplica do padrão-tipo; você reconhece o ritmo antes de qualquer anúncio.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico ($S-Od = 1'$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1')$): você percebe o arranjo do sinal, não uma frase. Como réplica ($S = 2'$), é a ocorrência do tipo.

RÉPLICA METAFÓRICA REMÁTICA — (2', 1'', 1)

O que é: um token que usa metáfora (parecer-com de outro “mundo”) e produz um ver-come imediato.

Exemplo: a manchete impressa “Tempestade no mercado”. Cada capa é réplica do tipo “título metafórico”; você sente turbulência sem ninguém explicar.

Por que é essa classe: a relação é metafórica ($S-Od = 1''$: afinidade entre domínios) e o efeito final é remático ($((S-O)-I = 1$: sensação direta). Como réplica ($S = 2'$), é o token dessa forma de título.

RÉPLICA METAFÓRICA SINTÁTICA — (2', 1'', 1')

O que é: um token que mapeia correspondências entre domínios (um esqueleto de metáfora), sem precisar de frase.

Exemplo: no painel do app, um medidor tipo velocímetro (ponteiro + escala) para mostrar progresso. Cada tela é réplica do tipo “gauge” metafórico; sua cabeça parecia velocidade ↔ avanço.

Por que é essa classe: o vínculo é metafórico ($S-Od = 1''$) e o efeito final é sintático ($((S-O)-I = 1')$: um mapa de correspondências. Como réplica ($S = 2'$), é uma instância do design-tipo.

RÉPLICA METAFÓRICA ABDUTIVA — (2', 1'', 1'')

O que é: um token metafórico feito para sugerir hipótese — acende um “e se...?” na hora.

Exemplo: um gráfico de risco desenhado com curva em avalanche. Cada gráfico assim é réplica do tipo visual que faz supor “pode haver efeito em cadeia/gatilhos”.

Por que é essa classe: a relação é metafórica ($S-Od = 1''$) e o efeito final é abduativo ($((S-O)-I = 1'')$: dispara uma quase-hipótese a investigar. Como réplica ($S = 2'$), é uma ocorrência do padrão.

9.6. Legisignos

LEGISIGNO ICÔNICO REMÁTICO — (3, 1, 1)

O que é: uma regra de aparência: o sinal precisa se parecer com o que indica.

Exemplo (tipo → réplicas): o manual de uma empresa define que o botão de “excluir” será sempre o ícone de lixeira (traço simples, inclinação do balde, tampinha). Em cada app, site ou tela do caixa eletrônico, toda lixeira exibida é uma réplica desse tipo — e você entende a função só de olhar.

Por que é essa classe: o vínculo é icônico (semelhança) e o efeito final é remático (entendimento pela qualidade visual). Como legisigno, é uma regra geral aplicada em várias ocorrências.

LEGISIGNO ERGOSÊMICO REMÁTICO — (3, 1', 1)

O que é: uma regra para chamar atenção por meio de um apontar imperfeito (vibração, toque, flash).

Exemplo (tipo → réplicas): nas configurações do celular, a marca define: duas vibrações curtas = notificação silenciosa. Toda vez que o aparelho faz esse padrão, é uma réplica da regra — você sente o “opa, chegou algo” sem ainda saber o conteúdo.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico (aponta sem explicar) e o efeito final é remático (impacto sensível). É legisigno porque é uma norma geral que vários aparelhos executam.

LEGISIGNO ERGOSÊMICO SINTÁTICO — (3, 1', 1')

O que é: uma regra de padrão simples (sequência de bipes ou luzes) que organiza a atenção como ritmo/ordem.

Exemplo (tipo → réplicas): no elevador, a manutenção define: um “ding” indica que chegou subindo; dois “ding”, descendo. Cada chegada com 1 ou 2 “ding” é réplica do padrão — você reconhece o arranjo antes de qualquer aviso falado.

Por que é essa classe: o vínculo é ergosêmico e o efeito final é sintático (você capta o padrão). É legisigno porque a regra define o sinal para todas as viagens.

LEGISIGNO METAFÓRICO REMÁTICO — (3, 1'', 1)

O que é: uma regra de metáfora: usar imagens/palavras que fazem sentir outro domínio parecido.

Exemplo (tipo → réplicas): uma fintech define em seu guia de marca que poupar será sempre mostrado com o cofrinho e energia/impulso com um raio. Cada tela do app com cofrinho/raio é réplica do tipo — você sente “economia” ou “potência” de imediato.

Por que é essa classe: a relação é metafórica (parecer-com entre domínios) e o efeito final é remático (um ver-come instantâneo). É legisigno porque é uma diretriz de comunicação repetida em vários materiais.

LEGISIGNO METAFÓRICO SINTÁTICO — (3, 1", 1')

O que é: uma regra de mapeamento estrutural entre domínios: alinhar elementos de um tema a elementos de outro.

Exemplo (tipo → réplicas): no app de consumo de dados do celular, a equipe adota a regra “termômetro = nível de uso”. Cada tela com uma barra que sobe como mercúrio é réplica do tipo — sua cabeça parecia “temperatura ↔ uso” sem precisar de frase.

Por que é essa classe: a relação é metafórica e o efeito final é sintático (um mapa de correspondências). É legisigno porque o design system dita o padrão para todas as telas.

LEGISIGNO METAFÓRICO ABDUTIVO — (3, 1", 1")

O que é: uma regra feita para provocar hipóteses: imagens que acendem um “e se...?” na cabeça.

Exemplo (tipo → réplicas): no app da companhia de energia, a diretriz para alertar picos de consumo é usar gráficos “em avalanche” e cores quentes. Cada gráfico assim é réplica do tipo e faz você supor: “será que foi o chuveiro?” “liguei o ar no máximo?”.

Por que é essa classe: a relação é metafórica e o efeito final é abdutivo (dispara um pressentimento de explicação). É legisigno porque é uma regra geral para comunicar risco/alerta em várias peças

Conclusão

Distinguir e classificar ícones, ergosemas e metáforas é, por natureza, uma tarefa difícil. A iconicidade opera justamente nas zonas de sutileza entre a pura qualidade (primeiridade), o elemento factual (secundidade) e a regra (terceiridade). Muitas vezes, o que aparece ao intérprete como “semelhança” dura milésimos de segundo, muda com a atenção ou se mistura a indícios e hábitos; por isso, fronteiras nítidas são raras. O melhor que um método pode oferecer é um conjunto de critérios falíveis, isto é, hipóteses classificatórias que se testam contra novos casos e podem ser revistas.

Nesse espírito, propusemos tratar as classes não como blocos isolados, mas como articulações. Todo signo icônico aparece, de fato, em uma réplica icônica, e toda réplica é, por sua vez, uma instanciamento de um legisigno icônico (o tipo que define “como deve ser” o caso concreto). Do mesmo modo, um qualisigno icônico (qualidade possível) está envolvido em um altersigno icônico (aparição liminar dessa qualidade), que, por sua vez, instancia um legisigno icônico (o padrão de semelhança que regula suas ocorrências). Essas redes de associações revelam a ligação entre possibilidade, ocorrência e lei — e ajudam a

explicar por que a mesma forma pode ser percebida ora como puro “parecer-com”, ora como um token reconhecível, ora como regra de construção de signos.

Essa visão articulada também recoloca a utilidade prática da classificação. Nas artes, ela diferencia efeitos de obra como rema (pura qualidade), sintaxe (arranjos pré-proposicionais) e abdução (disparo de hipótese), e mostra como esses efeitos se ancoram (ou não) no objeto. Na comunicação e no design, oferece critérios para separar apontamentos ergosêmicos de mapeamentos metafóricos, informando a construção de pictogramas, dashboards e narrativas multimodais. Na ciência, explica por que diagramas — ícones estruturais — são condição de possibilidade para a abdução e como, quando acoplados a traços referenciais, se tornam dicentes testáveis que alimentam o tecido simbólico das crenças públicas. ●

Referências

- BELLUCCI, Francesco. *Peirce's speculative grammar*. London/New York: Routledge, 2017.
- BURKS, Arthur W. Icon, index, and symbol. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 9, n. 4, p. 673–689, 1949.
- CONTRERA, Malena Segura; BAITELLO JÚNIOR, Norval. Na selva das imagens: algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. *Significação*. Revista de Cultura Audiovisual, v. 33, n. 25, p. 113–126, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65623>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- DAMÁSIO, António. *The feeling of what happens*. New York: Harcourt, 1999.
- DYMEK, Anne. Perception, Dreams, Films: Iconicity and indexicality in Peirce's Theory of Perception. *Recherches sémiotiques/Semiotic Inquiry*, v. 33, n. 1–2–3, p. 39–61, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1035283ar>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- ECO, Umberto. *A theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1976.
- ECO, Umberto. *Kant and the Platypus*. Essays on language and cognition. London: Secker & Warburg, 1999.
- JAPPY, Anthony. *Peirce's twenty-eight classes of signs and the philosophy of representation*. London/New York: Bloomsbury, 2016.
- MANNHEIM, Bruce. Iconicity. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 9, n. 1–2, p. 107–110, 2000.
- NÖTH, Winfried. *Peircean semiotics in the study of iconicity in language*. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 35, n. 3, p. 613–619, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40320442>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- NÖTH, Winfried. Peirce's iconicity and his image-diagram-metaphor triad revisited. *Semiotica*, v. 258, p. 143–167, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/sem-2022-0119>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. 8 v. Ed. C. Hartshorne; P. Weiss (v. 1–6, 1931–1935); A. W. Burks (v. 7–8, 1958). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931–1958.

PEIRCE, Charles Sanders. *Syllabus of certain topics of logic*. Lowell, MA: [s.n.], 1903.

PEIRCE, Charles Sanders. *The essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. v. 1 (1867–1893) e v. 2 (1893–1913). Bloomington: Indiana University Press, 1992 e 1998.

QUEIROZ, João; ATÃ, Pedro. *Iconicity in Peircean situated cognitive semiotics*. 2014. Disponível em: https://www.iconicity-group.org/wp-content/uploads/2014/05/44_Queiroz_Atã.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

ROMANINI, Vinicius. A periodic table for Peirce's sixty-six classes of signs. *The Pluralist*, v. 19, n. 3, p. 1–21, 2024. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/939554/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SEBEEK, Thomas. *Iconicity*. MLN, v. 91, n. 6, p. 1427–1456, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2907142>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SHORT, Thomas. *Peirce's theory of signs*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SONESSON, Göran. *Pictorial concepts: inquiries into the semiotic heritage and its relevance for the analysis of the visual world*. Lund: Lund University Press, 1989.

STJERNFELT, Frederik. *Diagrammatology: an investigation on the borderlines of phenomenology, ontology, and semiotics*. Dordrecht: Springer, 2007.

STJERNFELT, Frederik. *Sheets, diagrams, and realism in Peirce*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2022.

THELLEFSEN, Martin; FRIEDMAN, Alon. Icons and metaphors in visual communication: the relevance of Peirce's theory of iconicity for the analysis of visual communication. *Public Journal of Semiotics*, v. 10, n. 2, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37693/pjos.2023.10.24762>. Acesso em: 15 ago. 2025.

 A classification of iconicity from Peircean phaneroscopy

 ROMANINI, Vinicius

Abstract: This article proposes an expanded classification of iconicity anchored in Charles S. Peirce's phaneroscopy and articulated through a compositional scheme that explains why the forms of iconicity accessible to consciousness are, in general, degenerate. I start from the hypothesis that pure icons — occurrences of Firstness in which there is formal indiscernibility between sign and object — afford a kind of immediate cognition that resists reflective thematization; therefore, most of what we call "iconic representation" in mental and cultural life appears in the degenerate forms of ergosemes (firstness of secondness) and metaphors (firstness of thirdness). I show that, by applying compositional rules inspired by Peirce's speculative grammar, it is possible to derive 36 classes whose second correlate (the sign-object relation) is iconic (whether pure or degenerate).

Keywords: iconicity; Peircean semiotics; phaneroscopy; diagram; abduction.

Como citar este artigo

ROMANINI, Vinicius. Uma classificação da iconicidade a partir da faneroscopia peirciana. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 3. Dossiê temático: "Iconicidade". São Paulo, dezembro de 2025, p. 22-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ROMANINI, Vinicius. Uma classificação da iconicidade a partir da faneroscopia peirciana. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 3. Thematic issue: "Iconicity", São Paulo, December 2025, p. 22-42. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 29/08/2025.

Data de aprovação do artigo: 10/12/2025.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

